

Mundo



CESSAR FOGO EM GAZA

Fala de Biden foi 'prematura', diz Hamas

Grupo terrorista palestino afirma que acordo com Israel ainda não está próximo



'TODOS PODEMOS SER O PRÓXIMO'

Ex-militares venezuelanos no Brasil vivem em pânico após sequestro de colega no Chile



Repressão generalizada. Manifestantes protestam diante da Embaixada da Espanha em Caracas exigindo a libertação da ativista Rocío San Miguel, acusada, como os militares disidentes, de traição

JANAINA FIGUEIREDO
janeiro@globo.com.br

O sequestro do ex-militar venezuelano Ronald Leonardo Ojeda Moreno, de 32 anos, em 21 de fevereiro no Chile, onde estava desde o final de 2023, despertou verdadeiro pânico entre militares disidentes da Força Armada Nacional Bolivariana (FANB) que fugiram de seu país, entre eles centenas que vivem no Brasil — segundo estimativas extraoficiais de fontes opositoras seriam mais de 900. Um desses militares disse ao GLOBO, sob condição de anonimato, que o medo o levou a mudar de casa no meio da madrugada, trocar seus filhos de escola e alterar todos os hábitos da família.

As imagens de Ojeda sendo levado por policiais chilenos para entrar no prédio onde vivia o ex-militar, em Santiago, às 3h15 da madrugada de quarta-feira passada, foram, em palavras desse militar que escolheu o Brasil como país para refugiar-se, “um pesadelo tornado realidade”.

—Desde que estou no Brasil tenho medo de ser sequestrado ou assassinado. Quando eu dizia isso a autoridades brasileiras, me diziam que estava exagerando, mas o caso de Ojeda confirmou que nosso temor tem fundamento. Estamos lidando com delinquentes — disse o ex-militar venezuelano que, como Ojeda, fugiu da FANB depois acusado de traição à Pátria pelo governo de Nicolás Maduro.

Esse militar, como muitos outros que estão morando no Brasil como refugiados po-



Capturado no exterior: imagens de uma câmera mostram o momento do sequestro de ex-capitão Ronald Ojeda em Santiago por homens identificados de policiais chilenos

líticos, comunicou-se nos últimos dias com autoridades brasileiras para alertar sobre o risco que todos consideram correr mesmo estando fora da Venezuela. De acordo com outro desses militares, todos estão vivendo o pior momento de suas vidas desde que deixaram seu país.

—Todos achamos que podemos ser o próximo da lista, e também temos a certeza de que Ojeda nunca mais aparecerá com vida. Ele será desaparecido — frisou o ex-militar, que evita usar a rede de mensagens WhatsApp (a maioria dos militares venezuelanos prefere o Telegram), não participa de grupos de mensagens e prefere comunicar-se por ligações.

MAIORIA DE BAIXA PATENTE

Os militares venezuelanos que moram no Brasil estão espalhados pelo país, mas a maioria se concentra, segundo as mesmas fontes, no Sudeste. A porta de entrada de dois foi o estado de Roraima, que faz fronteira com a Venezuela. De lá, os ex-militares da FANB partiram para outros estados, entre eles Paraná, Santa

Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul e o Distrito Federal. Muitos, comentou um desses ex-militares, estão trabalhando e referiram suas vidas junto com suas famílias.

— Vivemos com medo, sempre foi assim. Mas o que aconteceu com Ojeda elevou esse medo a sua máxima potência — frisou a fonte.

A maioria dos militares venezuelanos que fugiu de seu país é de baixa patente, como é Ojeda, preso por “traição” em março de 2017, enquanto aguardava sua promoção a capitão do Exército, segundo informou a imprensa venezuelana. Na época, o agora ex-militar desaparecido era primeiro tenente. Em novembro de 2023, Ojeda fugiu da Prisão Rano Verde, no município de Los Teques, no estado de Carabobo, e rumou para o exílio no Chile.

Os militares que escolheram o Brasil começaram a chegar a partir de 2019, quando o então presidente Jair Bolsonaro reconheceu como legítimo o autoproclamado governo interno do opositor venezuelano Juan Guaidó. O Brasil era, na época, um destino no qual es-

ses ex-militares afirmavam sentir-se tranquilos. Hoje, com Luiz Inácio Lula da Silva na Presidência, esses mesmos militares dizem temer uma eventual cooperação entre os governos do Brasil e da Venezuela, que possa prejudicá-los. Fontes do Planalto consultadas pelo GLOBO negaram qualquer possibilidade de alguma condenação nesse sentido entre o governo brasileiro e o venezuelano.

Opositores estimam haver no Brasil mais de 900 ex-militares venezuelanos

As versões, negadas pelo governo do presidente chileno, Gabriel Boric, sobre uma suposta colaboração com o governo Maduro para facilitar o sequestro de Ojeda no Chile penetraram com força no mundo dos ex-militares venezuelanos que escaparam de seu país. O caso Ojeda é visto por alguns deles como um precedente perigoso para os que escolheram instalar-se

em países hoje governados por presidentes de esquerda — e sobretudo por chefes de Estado que têm diálogo com o Palácio de Miraflores, como Brasil e Colômbia.

CHILE NEGAR COLABORAÇÃO

Em Santiago, autoridades chilenas negaram enfaticamente qualquer tipo de acordo com a Venezuela nesse sentido, mas a última de números cresce a todo vapor entre os ex-militares venezuelanos, que aguardam com inquietude o encontro entre Lula e Maduro na sexta-feira, no âmbito da Cúpula da Comunidade de Estados Latino-americanos e Caribenhos (Céleca), em San Vicente e Granadinas.

—Temos medo de que Maduro peça a colaboração de Lula, argumentando que militares que estamos aqui no Brasil somos parte de alguma conspiração inexistente para derubar o governo na Venezuela — disse um dos ex-militares refugiados no Brasil.

O subsecretário do Interior chileno, Manuel Monsalve, considerou absurdas as versões sobre suposta colabora-

ção do governo Boric no sequestro de Ojeda. Monsalve esteve em Caracas em janeiro, e assinou um convênio policial com forças de segurança venezuelanas, o que despertou ainda mais divisões entre opositores do governo Maduro. Essas versões foram alimentadas por jornais venezuelanos como La Razón, criando um clima de confusão e desinformação após o sequestro de Ojeda, cujo paradeiro continua desconhecido.

—Isso é absurdo. Como todos sabem, nosso dever é contribuir para a luta do governo contra as organizações criminosas — declarou Monsalve, que descartou qualquer tipo de cooperação do Palácio de la Moneda com a suposta perseguição de Maduro a opositores fora da Venezuela.

O subsecretário esclareceu que os acordos selados em Caracas tiveram como único objetivo “a colaboração policial. Não é um convênio de colaboração política”.

STATUS DE REFUGIADO

O sequestro de Ojeda abriu uma crise dentro do governo Boric e levou o embaixador do Chile em Caracas, Jaime Gazmuri, a solicitar informações ao governo venezuelano, confirmaram fontes chilenas. Gazmuri tem boa comunicação com o Palácio de Miraflores e, segundo essas mesmas fontes, esteve em contato com autoridades venezuelanas nos últimos dias para conversar sobre o caso. As investigações avançam no Chile, mas são secretas, pela sensibilidade do assunto e até mesmo, acrescentou a fonte chilena, porque Ojeda ainda está sequestrado e o governo Boric não quer dar nenhum passo em falso que possa afetar sua vida.

Ojeda costumava criticar o governo Maduro nas redes sociais, e, já em Santiago, participou de protestos contra negociações entre o Chile e a Venezuela de Maduro. Fontes da oposição venezuelana confirmaram que o ex-militar tinha status de refugiado político, mas a informação não foi revelada pelo governo Boric.

Ojeda, como alguns dos militares que estão no Brasil, apareceu numa lista de 33 militares publicada pelo Ministério da Defesa venezuelano no final de 2023, supostamente relacionada a uma conspiração para cometer um magnicídio na Venezuela. A especialista em temas militares Rocío San Miguel, presa em meados deste mês, revelou publicamente que vários dos nomes da lista sequer estavam na Venezuela.

Em Caracas, ONGs de defesa dos direitos humanos também estão em estado de alerta.

Se for confirmada a participação de venezuelanos vinculados ao governo Maduro no sequestro de Ojeda estarão perante uma transformação qualitativa do nosso conflito político interno. Temos de aguardar as investigações no Chile — escreveu Rafael Uzcátegui, do Laboratório da Paz.